

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal da Torre Class.: APCR0071

Data: 12 de Maio de 1983 Pg.: _____

Uma campanha contra o projeto Carajás

Grupos esquerdistas da Europa fazem campanha sistemática contra o Programa Grande Carajás, o que pode acabar favorecendo as empresas concorrentes da Vale do Rio Doce no mercado de ferro, denunciou o secretário executivo do Conselho interministerial de Carajás, Nestor Jost. Ele queixou-se, em Belém, ontem, de que esses grupos acusam o governo brasileiro de agredir a natureza, praticar crimes ecológicos, e desrespeitar os direitos dos índios.

O objetivo dessas críticas, segundo Jost, seria influir sobre entidades governamentais, bancos e empresas a fim de impedir que elas dêem apoio ao programa. "Com isso, os beneficiários da campanha serão produtores de minério de ferro, estabelecidos na própria Europa, que poderão vir a ser deslocados do mercado quando a CVRD começar a comercializar o seu produto, que é de melhor qualidade."

O secretário executivo de Carajás garantiu que a campanha "não resiste a um questionamento", e parece estar sendo realizada "por quem não tem mesmo o que fazer". Ele está convicto de que as críticas sistemáticas ao programa de investimentos previsto para a província mineral de Carajás não influenciou sobre o ânimo dos governos ou de entidades privadas, mas lembrou que o secretário executivo da Comunidade Econômica Européia recebeu um documento contendo denúncias sobre destruição ecológica e desrespeito aos indígenas.

Preocupado com essa ofensiva, à qual atribui uma motivação comercial por parte dos concorrentes ameaçados, o secretário executivo do Conselho Interministerial tem municiado o Itamaraty de informações "para responder a esses ataques". Considera que o resultado desse confronto "nos tem sido favorável", e por isso não vê a necessidade de promover um encontro acadêmico na Europa para mostrar "a face verdadeira" do programa: "O ataque é de grupos políticos — e de esquerda —, não sensibilizou a opinião pública, nem os governos, porque é inconsistente e irreal".

Ele diz que a desaceleração momentânea em projetos que estão sendo implantados ou delineados para a área de Carajás deve-se a dois fatores: a escassez de recursos financeiros e a recessão de mercado. No caso específico do Projeto Ferro, a dificuldade foi originada pela diminuição da caixa da Vale do Rio Doce, que está vendendo minério a preço mais baixo. "Com isso, diminuiu sua contrapartida aos empréstimos externos, que agora estão mais carenciados". Mas garantiu que o atraso no cronograma atual é apenas de seis meses, e a primeira composição transportando minério de ferro chegará ao porto de Itaquí, no Maranhão, no final de 1985.